

## OS FANTASMAS DO VINHO

Quando chegou a manhã e da cama revolta te levantas,  
contemplas com os olhos grudados, trémulos,  
as conhecidas paredes familiares, os acumulados livros,  
fotografias e lembranças que, silenciosos, acompanham o teu  
agreste despertar.

Soam ainda nos teus ouvidos ardentes músicas,  
gargalhadas frenéticas, frases supostamente lúcidas.  
Ainda podes ver rostos que circulam na penumbra, luminosos  
recantos,

e sentir em quente vizinhança os húmidos lábios,  
a suave pele que tua mão de leve tocara.  
Tudo aquilo que o pesado torpor, definitivamente, desfez.  
Já de pé, vacilante, impreciso,

por um momento afastas-te das coisas,  
realidades e sonhos separam-se, confundem,  
e através do teu peito, da tua testa,  
dançam, geladas sombras, os fantasmas do vinho.

Como um tapete espesso e cor de cinza  
pelo chão espalha-se a tristeza,  
o esplendor em náuseas se transforma  
e o que foi paixão é um fato amarrotado,  
o fato azul que está sobre a cadeira.

Em breve a água resvalará pelo teu corpo  
e palavras, trabalho hão-de tirar-te sem esforço do abismo.  
Outro dia, mais um, vestirá os teus ossos  
e o protocolo da compreensão perdoará as tuas leves faltas.

Os fantasmas do vinho, escondidos em tenaz espera,  
o seu seguro ensejo, o seu renascer aguardarão:  
Já os conheces, também conheces o seu poder,  
sabes que esse instante, poderoso e breve,  
em que te afundas, sem amarras te aproxima

dos que tua insegura verdade, tua impotência cercada e extrema  
partilham,  
há-de voltar. Mas não te importes,  
entrega-te, impuro e por isso mesmo limpo,  
mostra as cegas frinchas do teu coração, as suas trémulas  
brechas.

Paga depois o preço estipulado e esquece-os,  
nem louvados nem ímpios, fantasmas  
de uma noite, tecidos de humana solidão,  
doloroso testemunho que o amanhecer te traz  
e que fugitivos, agora, vês perderem-se, diluïrem-se na distância.

## POETA DE ALEXANDRIA

Ninguém acompanha, quando cai a tarde,  
a sua solidão.

Mão alguma empresta fugitivo calor  
a quem dele tanto precisa  
e que lento caminha, o olhar perdido,  
para o lugar onde a luz de agosto  
ainda o protege.

Das ruas estreitas  
chega um cheiro, elementar e penetrante,  
de alimentos e corpos,  
noutro tempo apreciados.  
Leve, o seu passo  
perde-se entre o inquieto murmúrio  
de músicas e vozes.

Esta é a cidade que tanto amou,  
cujas pedras e árvores,  
minaretes e praças,  
debaixo do pesado sol do meio-dia  
ou à claridade trémula das estrelas  
conheceu tal como hoje os seus sonhos.

Continua a avançar,  
desconhecido,  
ignorado por aqueles  
que um dia os seus lábios lhe entregaram,  
a sua tristeza, o seu desejo fizeram seus.

O vermelho resplendor, por um momento,  
sobre a espuma se detém.  
Já cinzento depois,

empalidece no cansaço das rochas,  
resvala pelas janelas abertas ao crepúsculo.

Um ligeiro tremor,  
a transparente sombra de uma lágrima,  
agora que por fim se deteve,  
fazem mais vencida,  
mais frágil a sua figura.

Não importa  
ou talvez importe demasiado.  
Konstandinos Kavafis  
vê chegar a noite,  
a escuridão, diante do mar.

## O QUE RESTA DEPOIS DOS VIOLINOS

O que resta depois dos violinos.

XAVIER ABRIL

Quando te esqueceres do meu nome,  
quando o meu corpo for apenas uma sombra  
a apagar-se entre as húmidas paredes daquele quarto.  
Quando já não te chegar o eco da minha voz  
nem ressoarem as minhas palavras,  
então, peço-te que te lembres de que fomos  
uma tarde, umas horas, felizes juntos e foi belo viver.  
Era um domingo em Hampstead, com a frágil primavera de  
abril  
pousada sobre os rebentos dos castanheiros.  
Passavam para a igreja apressadas freiras irlandesas,  
crianças, endomingadas e bisonhas, pela mão.  
Em cima, atrás das sebes, na verde penumbra do parque,  
dois homens beijavam-se lentamente.  
Tu chegaste, sem que me desse conta apareceste e começámos a  
falar,  
tropeçávamos de riso nas palavras, balbuciávamos  
no estranho idioma que nem a ti nem a mim pertencia.  
De seguida fizeste-te pequena nos meus braços  
e a erva acolheu os teus cabelos escuros.  
Depois as escadas sombrias, longas e estreitas,  
o tapete com cinza e com gordura,  
os teus pequenos seios desolados na minha boca.  
Sim, às vezes é simples e é belo viver,  
quero que recordes, que não esqueças  
a passagem daquelas horas, o seu esperançado resplendor.  
Eu também, longe de ti, quando perdida na memória